

CUNHA, Fausto. Um romance de estreia. A manhã, Rio de Janeiro, 03 jun. 1950.

PRESENÇA DOS LIVROS

A manhã 3-6-50 89

UM ROMANCE DE ESTREIA

FAUSTO CUNHA

FALAR de "*Não sei se voltarei*", de Antoni di Monti, é difícil, porque de início parece extremamente fácil. Os senões estão à vista, pulantes, desde a primeira página, desde a introdução ingenuíssima, caracterizados quase sempre pela inocência de um novelista para quem o tempo não correu. Ao lado desses defeitos, qualidades também evidentes, um amor quase infantil à paisagem, o gosto do descritivo, a sensibilidade fora do comum, e sobretudo a simplicidade de narração. O estilo é suave, conquanto se mostre verde, indominado.

O romance, como o próprio autor adverte, com ser apresentado como tal, não é obra de mera ficção. Ou antes, não é propriamente o que se quer que seja um romance. Antes um relato de infância e puerícia, onde a matéria romancística é manipulada com o só intuito de conferir forma, dar consistência de livro e uma história da vida real.

Monti é, antes de tudo, um intuitivo, um homem que se guia pela sensibilidade. A sensibilidade é mesmo o seu único instrumento, a razão de ser de seu estilo. Há no livro uma "necessidade de dizer" sem que haja, exatamente, a de extroverter-se. Quando escreve seu drama, procura "ser-si-mesmo-quando-era", isto é, situar-se em si mesmo no tempo em que se desenvolve a ação. Daí a infantildade de algumas observações, como as cenas de menino, do cachorrinho Petit, que a maioria dos nossos ficcionistas haveria pudor em incluir num trabalho. E' como se Monti escrevesse para si próprio, para gravar o uso pessoal a sua existência transata, sem a preocupação de exibi-la por modelo de bem-aventurança ou de tragédia. Dessa simplicidade às vezes brota com muita força uma poesia interior, sem preparação externa, o que faz com que o livro adquira delicados toques.

O que considero a grande, a principal falha do romance são as frases-feitas, o resíduo de leituras pobres, de obras sem densidade nem atualidade humana. Há períodos que são lançados sem cuidado formal (como renovação de estilo) e chegam a surpreender pela ausência de autocritica em quem tão apurado gosto possui.

Páginas inteiras, como a 100.^a, por exemplo, deveriam ter sido retiradas. A descrição de São Paulo, no capítulo X, é de um primarismo carregado. Diga-se de caminho que o livro perde muito de seu interesse quando descamba para o fim. E' débil quase todo o capítulo IX, do qual somente se salva a parte inicial, um tanto mal aproveitada em seu valor anedótico. A narração do primeiro transe sentimental é dos melhores momentos do romance, mas justamente aí são mais sensíveis as deficiências de estilo, repetição de palavras, colocação pronominal anti-eufônica, etc., o que retira muito do sabor da passagem. Assinale-se o abuso do adjetivo "terrível".

Reconheçamos, no entanto, que a intuição e a sensibilidade de Antoni di Monti

resistem a essas provas. São contingências de livro de estreia, e nem todos podem surgir com um "*Fronteira*".

Via de regra, a narração em "*Não sei se voltarei*", é singela, sem atavios: "Mas eu não gostei muito de ficar sem nenhum, já estava tão habituado a saudá-los e a dar-lhes de comer pelas manhãs. A primeira preocupação era revistar as gaiolas. Os bandos de coleirinhas, que caçava às dúzias, com visgo ou alcapão, estavam sempre ariscos, mas cantavam tão bem e agradavam-me mais que os pintassilgos, os rouxinóis da terra como costumava chamá-los, tão frágeis, que morriam durante o inverno". — "Ah! como me pareciam felizes aqueles dias de vida simples e despreocupada quando a morte de um gavião constituía um fato mais importante do que a queda de um ditador..." — "Um balão enorme veio cair ao lado de casa, na cerca. Foi uma balbúrdia nunca vista. Os meninos invadiram a chácara com uma insolência perigosa, enquanto muitas pedras choveram contra o telhado e ouvia-se o barulho de vidro partido e os gritos de tia. Só restou a tocha, ainda com forte chama, e alguns farrapos de papel de seda, de várias cores, que dançavam no ar". (Esse passo dos balões é um dos mais acentuadamente líricos do romance).

Há em Monti uma vocação toda especial para a descrição de ambientes, de acontecimentos. O interior das salas de aula, com pitorescas observações em torno dos professores, os episódios da revolução de São Paulo e seus reflexos em Campinas, o clube de regatas — são todos trechos de boa expressividade. "Dona Albertina, vestida de negro, com o rosário na mão, ficava sentada no fundo do quarto. Rezava, rezava baixinho, torcendo os dedos sem parar. De vez em quando sorria e nos mostrava os dentes alvos e grandes da sua nova dentadura". Os diálogos, em geral, são vivos, espontâneos. A transição dos capítulos obedece a uma continuidade de narração bastante satisfatória.

Aí estão, no que concerne à fatura do romance, os pontos de realce e os que merecem ressaltos.

*
*
*

"Eu levava dentro de mim esse mundo interior que o demônio tenaz do pensamento desdobra em mil aspectos fantásticos". E' o não desenvolvimento das intimidades desse mundo o que faz com que o livro beire amiúde a franca mediocridade. Não me parece tratar-se de insuficiência técnica e sim de compressão psicológica. O mundo da fantasia e da aventura que seduzem o pequeno Toni é apresentado no que tem de

mais superficial. Falta profundidade, falta adensamento a essa pesquisa introspectiva. Não surge com intensidade o drama do moço que se decide a aventurar-se a uma nova forma de vida, na qual se conciliem o trabalho e o prazer de cumpri-lo. Um rapaz que, desde tenro, se sentia isolado no seu universo mágico, entregue a turbilhões de pensamentos vagos, desejos fluidos, aspirações indecisas. Toni é o jovem que se vê nascer de si mesmo, que busca uma definição para seu temperamento ainda amorfo, que se aferra a uma concepção-de-beleza sem experiência, a um ideal de felicidade sem alicerces na vida real. O autor, exumando as exterioridades, sugerindo interiores anímicos, fugiu à reconstituição psicológica. Fugiu — é bem o termo. Faltou-lhe coragem de mergulhar no próprio eu, de revelar-se desde criança. Era decerto um caminho demasiado espinhoso, mas até as placas foram retiradas. Conquanto se exhiba com aparente franqueza, o interior permanece inacessível, ficando aberta uma única porta de comunicação, justamente a menos convincente de todas — o narcisismo. A descoberta de si próprio como entidade física, a não-sublimação do psíquico. Contorna as afirmações, reserva para si o "substratum" de suas experiências, deixa espaços em branco enche a nanquim as entrelinhas, não transporta ao romance o precipitado de suas angústias, de suas dúvidas. Esse o maior escolho psicológico do livro, porque fornece impressão falsa de suavidade, impressão de ventura e integração inexistentes. A fuga do meio é instantânea, inexplicada. Os motivos estéticos permanecem confusos, obscuros. A evolução mental cai *ex-abrupto*.

Sinceramente, não espero que haja resposta nos próximos livros, continuação de "*Não sei se voltarei*", já prontos e anunciados. Há, em Antoni di Monti, o terror do auto-estudo. Verifica-se, com facilidade, esse medo pânico através do aspecto de satisfação com que se considera, mesmo sentindo-se frustrado, irrealizado.

E' paradoxal que eu esteja a discutir o fundo psicológico num estreante que parece tipicamente descritivo, de tendências narrativas bem sublinhadas. E' que se me antolha irá Antoni di Monti cada vez mais evadir-se do "background" para ficar sempre sob a luz fútil dos holofotes do palco. Isso é uma traição e uma desnecessária demonstração de pusilanimidade.

Por isso é de aconselhar-se que ele se atire à introspecção, essa que leva anos e anos de sofrimento a nós, essa que condensa e purifica o talento dos grandes romancistas, essa que possibilita a verdadeira afirmação da vida. O memorialismo e a reportagem têm o seu valor, porém perdem muito num romance individualista. ao contrário de toda a expectativa. Essa decisão de realizar-se em si mesmo interiormente é o que nos dá um Alain Fournier em França e um Cornélio Penna entre nós.

CAIXA POSTAL 4.410 — RIO